

## **QUEER À SARJETA: PRESENÇA DE UM CORPO ESTRANHO EM UMA CORRIDA DE RUA<sup>1</sup>**

Rafael Marques Garcia (1); (2) Erik Giuseppe Barbosa Pereira.

1 - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [rafa.mgarcia@hotmail.com](mailto:rafa.mgarcia@hotmail.com)

2 - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [egiuseppe@eefd.ufri.br](mailto:egiuseppe@eefd.ufri.br)

### **Resumo**

A prática de atividade física enquanto cultura corporal do movimento estruturou-se através de segregações socioculturais. No caso dos esportes, o corpo masculino tange-se através de uma contraposição ao feminino e vice-versa. A partir destes expostos e das constantes manifestações de violência contra grupos *queer*, aqui compreendidos como sujeitos desviantes da heteronormatividade, o objetivo do estudo foi relatar a experiência de um corpo *queer* em uma corrida de rua buscando responder à seguinte pergunta: de que maneira as pessoas respondem à presença de um desviante em territórios demarcados pelas convenções de gênero? Para tanto, utilizamos uma abordagem qualitativa e o método de experimentação de campo. O autor realizou a prova de 5 km da Etapa Primavera realizada no Rio de Janeiro trajando a camisa do evento e um short saia, o que desencadeou olhares, cochichos, risos e comentários maldosos. Evidencia-se que a presença de corpos que se manifestam de maneiras diferentes ao convencional não é absorvida, apenas indigesta. Ser *queer* e expressar-se *queer*, mesmo que num momento de lazer e recreação torna-se perigoso para a sociedade, que tão atrelada às suas significações de mundo, adota para si ideologias excludentes. A corrida de rua, enquanto elemento de performance, recreação ou ainda de lazer é, assim como os demais espaços sociais, regida pelas convenções de gênero e sexualidades heteronormativas, sujeitando o *queer* a um espaço limitado, marginalizado e sem o reconhecimento de sua própria identidade.

**Palavras-chave:** Gênero; Estudos Queer; Práticas corporais.

### **Introdução**

Ao longo da história, a sociedade sempre foi aversiva às mudanças e/ou ao diferente pelo fato de este ameaçar o entendimento sólido das categorias que foram construídas nas comunidades. Tornou-se comum olhar com estranheza para aquilo ou aquele que não se enquadra na categoria que lhe foi imposto através de uma determinada equiparação. Isso ocorre segundo Madureira e Branco (2012), pelo fato de que nas sociedades atuais existe uma barreira engessada que delimita as diferenças entre os pares que, quando transpassadas, configuram a existência de novos grupos a partir de uma constante desqualificação e desmembramento dos demais segmentos, emergindo daí a violência, intolerância e práticas discriminatórias. Tais condutas se manifestam, no entendimento de Pérez-Nebra e Jesus (2011), de forma cristalizada pela facilidade de resistir ao desgaste frente ao que já estamos habituados.

A atividade física, enquanto prática corporal presente nas sociedades, sustenta suas origens em processos de segregações culturais (ARAÚJO, 2015). Sampaio (2008) afirma que no universo masculino o exercício físico esteve intimamente ligado à consolidação das masculinidades de modo a contrapor-se à feminilização através das ideias de força, virilidade, bravura, coragem e

---

<sup>1</sup> Este estudo é parte integrante de um artigo maior já aceito por um periódico nacional.

determinação. Pereira (2008) nos faz saber que historicamente o corpo masculino sempre esteve mais liberto do pudor e sem pretensões de equiparar-se ao corpo feminino: ser homem contrasta com o feminino.

A história dos esportes, inclusive no Brasil, traz à tona a sua construção através de modelos sexistas. O campo da prática física e do exibicionismo das habilidades motoras era um privilégio estritamente dos homens, restando às mulheres ater-se às tarefas do lar e de garantir a continuidade da espécie através dos cuidados à prole.

Esse processo por anos perdurou como natural, vindo a ser questionado apenas quando as mulheres romperam com esse paradigma social ao se inserirem nas práticas físicas (OLIVEIRA, CHEREM, TUBINO, 2008) – claro que elas foram duramente atacadas, uma vez que não se submetiam ao sistema doutrinador dos gêneros “como deveria ser de modo natural”. Eram, portanto, consideradas indignas pela desobediência e contraversão às “leis naturais” acerca de suas atribuições sociais, devendo em consequência serem castigadas.

Com a inserção cada vez maior do público feminino, tornou-se necessária a divisão da prática esportiva entre homens e mulheres no que hoje conhecemos por naipes masculino e feminino. Para Gonçalves (1998), essas categorias contemplam espaços diferenciados em termos de poder: o domínio do homem/masculino é público e político, regido por mecanismos de força, lógicos e objetivos, enquanto que o domínio do feminino é o espaço privado, do lar, das emoções de fragilidade, passividade e subjeções. Assim, conforme endossam Januário, Veloso e Cardoso (2016), as masculinidades e feminilidades são moldadas em campos regidos por relações de poder entre homens e mulheres e também entre os próprios homens, o que denuncia a existência de mecanismos disciplinadores e coercitivos.

Desta forma, gênero enquanto categoria binária ganhou respaldo também na esfera esportiva, uma vez que só existem duas classes para abarcar a imensidão de corpos que se aventuram no terreno das práticas físicas. Curioso é o fato de que, assim como nas demais esferas sociais, existem os padrões que regem os naipes esportivos. Essas atribuições tornaram-se naturalizadas, contornando os homens de coragem, violência e controle absoluto, restando às mulheres a submissão ao choro, histeria e amor, o que veio a ser definitivo para a criação de esportes divididos por sexos (GOELLNER, 2007). Aos homens, constatamos a exacerbação das masculinidades através da força, da virilidade, da agilidade, dos movimentos brutos, dos olhares ameaçadores e da exaltação do tônus muscular, enquanto que ao naipe feminino resta-lhe o oposto, um espaço vendido de forma erotizada e cheio de fetiches sobre seus corpos, bem como toda a “fraqueza

natural” das mulheres, onde o choro, a beleza e delicadeza se sobressaem e são tidos como naturais neste campo (SABO, 2002).

Essa divisão, de certa forma misógina, escorrega nas manifestações de corpos masculinizados e feminizados. Daí surgem os indivíduos *queer* que, por não possuírem uma categoria própria, devem, portanto, enquadrar-se entre os naipes, porém destoam dos demais (JAEGER E GOELLNER, 2011). O termo “*queer*” pode ser mais bem compreendido através da perspectiva de Camargo e Rial (2009) e Louro (2013): o sujeito abarcado pela terminologia, uma designação subversiva para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, permeia o campo da estranheza e/ou da sexualidade desviante do sistema heteronormativo, que não deseja ser integrado ou tolerado. Ser *queer* é ter um estilo de vida que desafia as normas regentes da sociedade, é ser estranho, perturbador, provocativo e ao mesmo tempo fascinante, questionando as convenções que doutrina corpos e suas sexualidades.

A partir dos expostos acima, o objetivo do estudo foi relatar a experiência de um corpo *queer* em uma corrida de rua buscando responder à seguinte pergunta: de que maneira as pessoas respondem à presença de um desviante em territórios demarcados pelas convenções de gênero?

Vale ressaltar que a perspectiva sobre a qual lidamos com gênero neste trabalho tem como suporte a leitura da filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2015). Para a autora, gênero é uma construção social sobre corpos dotados de sexos também construídos socioculturalmente, numa lógica de ordem compulsória que prega a matriz heteronormativa como único elemento natural, legítimo e válido, sustentada pela constante repetição de atos, gestos e corporalidades. Gênero, portanto, é performático, à medida que através de discursos reguladores de poder, (re)produz sujeitos masculinos e femininos de forma naturalizada que incorporam em si identidades sociais estereotipadas e refertas de significados discursivos.

A partir deste entendimento, narraremos e analisaremos o episódio de um indivíduo *queer* em uma edição de corrida de rua. Nota-se que, num primeiro momento, essa ocorrência talvez não passe nem perto das constantes manifestações de violência que são concretizadas contra indivíduos não-heteronormativos atualmente, no entanto, a partir desta constatação, da vivência e análise do relato, nosso estudo torna-se relevante por contribuir cientificamente com os estudos referentes à temática, bem como por promover reflexões que subvertem as convenções de gênero e sexualidades nos esportes e práticas físicas enquanto extensão de categorias sociais.

## Metodologia

Com suporte nas pesquisas em Ciências Sociais, este relato está ancorado na abordagem qualitativa utilizando o método das experimentações de campo. Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), esta estratégia transforma o universo da experiência “natural” e possibilita transformar igualmente os papéis do pesquisador e dos sujeitos que participam da experiência bem como suas relações recíprocas. Vergara (2014) afirma que tais experimentações são executadas no local onde acontece determinado fenômeno e que disponibilize de elementos para explicá-las.

As fases deste procedimento, segundo os autores supracitados, se dividem em três, a saber: 1- descrição detalhada do contexto, espaço e tempo onde foi realizada a experiência; 2- relevância e adequação de procedimentos utilizados na apresentação dos dados conforme os objetivos destacados e; 3- explicitação dos procedimentos de análise, bem como sua adequação de intervenção.

Concluída esta etapa, apresentamos os resultados bem como suas considerações. Na sessão seguinte, apreciaremos a clareza dos acontecimentos, bem como o diálogo com a literatura de gênero e *queer*.

## **Resultados e Discussão**

### **Relatando...**

**Rafael:** – *A ideia de correr utilizando um short saia passou a circundar meus pensamentos a partir da realização de uma corrida de rua no mês de maio. Na ocasião, eu me atentei para a vestimenta dos demais corredores e vi muitas mulheres utilizando modelos semelhantes, enquanto que os homens que se “arriscavam a fugir” dos bermudões utilizavam apenas bermudas térmicas.*

– *No caminho de casa até o ponto de ônibus, algo não mais que 200 metros, revelou que eu estava incomodando muita gente, pois muitas pessoas olharam-me espantadas, outras riram. Eu, internamente, não via por que motivos usar aquele short saia era tão condenável. Enfim, eu estava focado em vivenciar a corrida daquele jeito, então segui firme para meu destino. Tomei o ônibus, que para minha falta de sorte estava cheio.*

– *Passei a roleta, as pessoas ainda me olhando dos pés à cabeça, boquiabertas. Algumas delas cochichavam olhando para mim. Outras faziam sinal de negação com a cabeça. Homens riram quando passei por eles. Só havia um assento vazio justo no final do ônibus e de frente ao corredor e foi para lá que eu fui. Cruzei todo o espaço e fui acompanhado a todo momento. Pude ouvir um comentário de uma mulher feito por sob as mãos ao senhor de seu lado “era só o que me faltava, não sou obrigada a ver isso!”. Eu quis responder educadamente que ela não era obrigada a*

*ver nada, bastava olhar para outro lugar, mas me contive e apenas sentei. Pessoas balançaram a cabeça negativamente. Acho que eu desagradei muita gente naquela minha viagem até o centro da cidade, mas já esperava por isso.*

*– O ônibus continuou seu trajeto e aos poucos as pessoas foram descendo, ponto a ponto. Eu desci no último, a esta altura só havia restado eu e mais um ou dois passageiros. Dali até o Monumento aos Pracinhas, onde seria dada a largada, eu percorri um pequeno trajeto andando, algo não mais que 1 km. Eu me senti inseguro. Muito inseguro. Acompanhei a reação das pessoas com as quais cruzava e todas, sem exceção, mostravam-se incomodadas com o que viam, outras mais outras menos.*

*– Eu era um alienígena. Era assim como as pessoas me olhavam, como se eu fosse um extraterrestre nunca visto antes. Aquela insegurança ficou mais forte, mas eu não podia vacilar, não podia perder o foco. Eu tinha 5 km para correr e eu já estava tão perto de começar, então direcionei a mente para a prova: falta pouco para começar!*

*– No local da corrida, inicialmente não notei reações espalhafatosas quando fui me aproximando e passando pelos demais corredores. Como eu pensava, o bem maior ali era correr, dane-se a vestimenta. Legal. Senti-me glamoroso, aquele short saía de certa forma conferia-me um nível de vaidade absurda e transferia-me muita confiança. Foi o máximo poder me sentir bem com um vestuário para mim ótimo, mas socialmente reprovável por não seguir uma lógica de gêneros.*

*– Ali eu já não estava tão inseguro porque naquela concentração de gente para todo lado ninguém seria absurdamente louco de atentar contra minha integridade física. Foi dada a largada, a galera começou a correr. Primeiro o Pelotão Quênia. Logo em seguida era o meu. Pequenos passos. A multidão à frente começava a se deslocar cada vez mais rápido, até cruzarmos a linha de largada e iniciar a corrida propriamente dita.*

*– Quando você corre, você entra em transe. Pensa em coisas, muitas coisas. Foi só aí que eu comecei a pensar sobre os demais corredores: acho que aquele espaço não era tão livre de preconceitos ou padrões como eu pensei que fosse. Observador que sou, comecei a reparar no vestuário das pessoas. Apenas trajes condizentes com o que a sociedade convencionou ao seu gênero. O único destoante ali era eu. O único homem que estava vestindo uma roupa que não havia sido designada para ele.*

*– E aí surgiram os comentários! Espanto novamente. “Th, olha ali, um homem correndo de saia!”, “O que?”, “Dá só uma olhada naquela viadice ali! Puta que pariu!”, todos proferidos sem*

*qualquer pudor ou sem se preocupar se eu iria escutar, na verdade acho que a intenção era essa. Eu fingi não me importar, segui meu ritmo.*

*– A partir daí minha preocupação passou a ser terminar a corrida. Terminar logo essa corrida e voar para casa. Já não havia mais prazer em estar ali. Tentei reviver meu mantra e focar no trajeto, mas os comentários não cessavam, vindo de todo lado e grupo. “Viadinho!”, “Bicha!”, “Viado tem que morrer!”, “Hm, boiola!”, “Gente, olha essa merda...”.*

*– Assim, eu realmente não entendi qual a necessidade desses comentários, porque o meu uso do short saía nada influenciava na corrida dos outros. Eles e elas não deveriam se sentir tão incomodados assim com o que **eu** estava vestindo, nem com meu ritmo, nem com minha performance, nem com nada a meu respeito.*

*– Do céu ao inferno. É assim que posso descrever minha participação neste evento. Cruzei a linha de chegada após mais de trinta minutos. Não encarei ninguém. Segui meu rumo olhando para o asfalto até o local de devolução do chip e entrega de medalhas. Peguei a minha. E tchau, rumo ao ponto de ônibus.*

*– O medo bateu forte. Eu estava sozinho, vi-me como um alvo fácil para o descarrego de uma sessão de ódio e intolerância. Tentei manter a calma. Apressei o passo. Outras pessoas vinham atrás e na mesma direção em pequenos grupos. Os comentários, os olhares e toda desaprovação estavam vivos em minha imaginação: parecia um enredo de filme que terminaria em tragédia.*

*– Quando percebi já estava quase chegando. Enfim. Só queria ir embora. Já estava ao lado do ponto de ônibus. Era só aguardar. O ônibus chegou. Louvei muito. De verdade. Fui embora. Desci no meu ponto. Mais olhares, mas eu estava tão perto de chegar. Quando virei na minha rua, corri. Corri mesmo, de verdade, mais rápido do que em qualquer momento na corrida. Abri o portão. Quando entrei no apartamento e me vi sobre quatro paredes, são e salvo, pude enfim soltar meu grito de sobrevivência: UFA!*

### **Analisando...**

Quando temos a presença de indivíduos que se sentem e expressam o modo *queer* de ser, o sistema heteronormativo e suas atribuições sofre uma descentralização em função da dissonância instituída sobre gênero e esporte/atividade física. A balança da ordem convencionada como natural – binária – é desequilibrada, dando margem à consolidação de uma nova perspectiva das práticas corporais contraposta ao arranjo regente, entretanto o fenômeno esportivo não absorve essa nova

demanda uma vez que ela o desestabiliza principalmente no que confere a organização de modalidades generificadas (ARAÚJO, 2015).

Por ter seu espaço constantemente negado, grupos *queer* são resignados à sarjeta<sup>2</sup> e historicamente revelam-se restritos a “guetos” para manterem suas identidades pulsantes, o que é bem relatado por Camargo e Rial (2011). Com o passar dos anos e a maior aceitação desses indivíduos na sociedade de modo geral, ainda que de forma muito conturbada, o público *queer* passou a escrever e crescer no cenário esportivo.

De início, essa inserção se deu conforme os padrões estabelecidos para cada sexo e, em consequência, da reprodução de condutas performáticas referentes aos gêneros. Para Butler (2015), a noção de performatividade advém de expectativas criadas sobre essas categorias que englobam a repetição constante de comportamentos, valores e ideais da heterossexualidade normativa. Assim, esse instrumento é regulado pela coerência entre sexo, gênero e sexualidade de modo a policiar e assegurar a naturalidade do heterossexual, onde o homem deve necessariamente desenvolver desejo por mulheres, ser viril e agressivo, e as mulheres devem desenvolver o desejo pelos homens, além de apresentar traços sensíveis e de graciosidade.

Com a libertação das corporalidades não normativas no espaço esportivo e de lazer, Louro (2009) e Butler (2015) apontam a criação de um incômodo e/ou aversão imediatos diante do *queer*, aqui resultado da construção histórico-cultural advinda do desdobramento da heteronormatividade. Isso ocorre porque a sociedade recomenda e fiscaliza o uso dos corpos através da família, da escola, religião, política e demais esferas sociais que impõe diretrizes certas e erradas de modo a criar um padrão uno e absoluto de se viver (LOURO, 2009). Arriscamos a dizer que essas manifestações não passam do afloramento de corpos sádicos que, frustrados por não poderem exercer sua sexualidade em função do que o padrão heteronormativo impõe, resolvem atacar àqueles que de certa forma rompem com as barreiras que lhes são impostas e vivem uma vida mais plena no que tange a utilização de seus corpos para a realização das diversas atividades habituais. É a chamada vingança do oprimido.

No relato da corrida, a presença de um homem de saia revela, através do senso comum, um estigma associado à falha da masculinidade clássica e atrelada a uma suposta homossexualidade do corredor, o que inviabilizaria sua inserção/permanência/atuação num espaço esportivo, ainda que misto, por não “ostentar” uma virilidade que fosse suficiente (TAMAGNE, 2013). Esse processo denota-se não harmonioso e relutante, conferido e materializado por uma violência simbólica

---

<sup>2</sup> Termo aqui empregado como análogo à marginalização.

composta de gestos, discursos e atitudes repressoras e discriminatórias, desaprovando a presença do *queer* num espaço regido pelas convenções sociais e dando vida ao que aqui denominamos como *queerofobia*.

No entanto, o repúdio social mais claramente demonstrado diz respeito à homofobia. Para entender esse conceito, faremos um casamento dos preceitos de Louro (2010) e Borrillo (2010). A homofobia surge como um mecanismo de proteção da heterossexualidade, sendo orquestrada por um conjunto complexo de ações discriminatórias que variam desde a repulsa externalizada de ser/tornar-se homossexual à inferiorização e marginalização dos indivíduos não obedientes à ordem clássica dos gêneros. Atua, portanto, como um importante mecanismo regulatório e de policiamento das sexualidades, onde a construção da identidade masculina se dá através da negação de qualquer comportamento dito feminino.

Sendo assim, se utilizarmos a lente da culturalidade que estabelece a heteronormatividade como elemento natural, legítimo e unicamente válido (BUTLER, 2015), um corpo biologicamente dotado de sexo masculino e categorizado como homem deveria se portar conforme as exigências de sua classe – uma masculinidade hegemônica ou próxima desta. No entanto, Connell e Messerschmidt (2013) lembram que as variadas facetas de masculinidades conferem uma multiplicidade colossal de como ser ou tornar-se masculino através de padrões psicológicos, estéticos e sociais. Vestir uma saia, no entanto, não harmoniza com nenhuma conjuntura desta ordem e ameaça a premissa íntegra da masculinidade naturalmente tecida sobre padrões normativos. Ainda, subverte a lógica dos gêneros, abrindo espaço para uma ressignificação de corporalidades, principalmente nas práticas físicas.

Apropriar-se do uso de um elemento tido como feminino – a saia – rompe com a linha frágil e insustentável da “manifestação natural dos fenômenos”, o que desencadeia a homofobia através dos olhares que reprimem, das falas reguladoras e da renegação da presença de um corpo estranho. Para Rosa (2010), a homofobia no espaço esportivo, controla os corpos e suas sexualidades conforme a norma de modo a instituir espaços e práticas sociais diferentes para grupos heterossexuais e *queer*, de modo a segregar e assim possibilitar a formulação dos guetos.

A partir das certificações acima, perfazemos nossas análises. O corpo, não passivo a determinismos, (re)constrói-se num constante processo de reformulações (BUTLER, 2015). Quando surge uma adução *queer*, esta deve ser marginalizada, mas neste constante processo de ressignificação, este corpo reivindica seu reconhecimento quando se insere nos espaços normalizados (PRECIADO, 2011). A sociedade, treinada para negar e segregar a existência do

“destoante”, imediatamente responde sustentando processos discriminatórios e excludentes, renegando a existência e massacrando o reconhecimento desta forma de se expressar.

### **Conclusões**

Pelo exposto, a presença de corpos que se manifestam de maneiras diferentes ao convencional não é absorvida, apenas indigesta. Ser *queer* e ainda expressar-se *queer*, mesmo que num momento de lazer e recreação torna-se perigoso para a sociedade, que tão atrelada às suas significações de mundo, adota para si ideologias excludentes e se esquecem da imensidão inatingível com a qual está defrontando. Ao *queer* resta-lhe a negação social, não pela falta de insistência ou luta da classe, mas pela constante consubstanciação de violências que lhe recaem, sejam através de olhares, risos, cochichos ou qualquer outra ação que menospreze ou renegue sua identidade.

A experiência supracitada infere que a corrida de rua, enquanto elemento de performance, recreação ou ainda de lazer é, assim como os demais espaços sociais, regida pelas convenções de gênero e sexualidades heteronormativas. A sociedade ainda apresenta-se atada ao binarismo de gênero e seus respectivos estereótipos sociais, restando ao *queer* um espaço limitado, marginalizado e sem o reconhecimento de sua própria identidade.

### **Referências**

- ARAÚJO, Allyson Carvalho. Gênero, sexualidade e esporte no cinema. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, n. 1, p. 172-181, 2015. DOI: [http://dx. doi. org/10.18511/0103-1716/rbcm](http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm).
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos anormais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. DOI: 10.1590/S0104-026X2011000100002
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira. Col. Sujeito & História, 8ª ed. 2015. 288 p.
- CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmem Silva de Moraes. Esporte LGBT e Condição Pós Moderna: notas antropológicas. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ciências Humanas**, Florianópolis, v.10, n.97, p. 269-286, jul, 2009.
- \_\_\_\_\_. Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global? **Revista Estudos Feministas**, p. 977 1003, 2011.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-280, janeiro-abril/2013.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, mai./ago., 2007.

- GONÇALVES, Eliane. Pensando o gênero como categoria de análise. In: AMARAL, A. et al. (Orgs.). **Estudos de gênero**. [S.l.]: Universidade Católica de Goiás, 1998. p.41-60.
- JAEGER, Angelita Alice e GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, set-dez/2011.
- JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria Da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Eptic online: Revista Eletrônica Internacional de Economia, Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 18, n. 1, p. 168-184, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (orgs). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.
- \_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Angela Uchôa. As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. In A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), **Diversidade e cultura da paz na escola: Contribuições da perspectiva sociocultural**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 125-155.
- OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo Hippolyto Latsch; TUBINO, Manoel José Gomes. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.2, n.16, p.117-125, 2008.
- PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: ROMERO, E.; PEREIRA, E.G.B. (orgs.). **Universo do corpo: Masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape; 2008. p. 87-101.
- PÉREZ-NEBRA, Amália Raquel; JESUS, Jaqueline Gomes de. Preconceito, estereótipo e discriminação. In C. V. Torres e E. R. Neiva (Orgs.). **Psicologia social: Principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 219-237.
- ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte**. 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2010.
- SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M., SILVESTRIN, A. (orgs). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR; 2002. p. 33-46.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Gênero e Lazer: Um binômio instigante. In: MARCELLINO, N.C. (org.). **Lazer e Sociedade**, múltiplas relações. Campinas/SP: Alínea, 2008. p. 139-154.
- TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da virilidade: A virilidade em crise?** Petrópolis/RJ: Vozes, v.3, 2013. p. 424-453.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 15. ed. São Paulo: Atlas, 2014.